

Namorar, noivar e casar: narrativas de mulheres “italianas” de Caxambu do Sul nas décadas de 1930 a 1960*

*Jussara Odete Corrêa** , Zuleika Zamoner*** , Elison Antonio Paim*****

Resumo

Este artigo é parte de uma pesquisa que procurou analisar narrativas de mulheres descendentes de italianos inseridas num processo histórico. As narrativas são carregadas de recordações e experiências vividas, permeadas pela busca de novas descobertas e pela invenção das novas tradições, mostrando como era o namoro, o noivado e o casamento na coletividade italiana de Caxambu do Sul, nas décadas de 1930 a 1960.

Palavras-chave: mulher; experiência; cotidiano.

Concepções historiográficas têm colocado a mulher sempre como submissa e dependente do homem, mas, felizmente, há muitos historiadores preocupados em desmistificar estes conceitos. Este artigo tem por objetivo trazer à tona a atuação das mulheres, sujeitos participantes na construção da história do Município de Caxambu do Sul.

Entendemos que a mulher encontra-se nos diversos espaços produtivos e sociais, mesmo que queiram torná-la invisível. Se a leitura estereotipada de que a mulher é trabalhadeira, no sentido de estar fazendo sempre alguma coisa no espaço doméstico - a casa- (lavar roupa, cozinhar, cuidar das crianças...), muitas vezes ofusca seus atos, sua participação; queremos dar visibilidade à mulher trabalhadora que, para além de realizar seus “serviços” cotidianos, também executa, utilizando uma linguagem masculina, o trabalho produtivo.

É nesse espaço de dentro e fora de casa e também em outros espaços que procuramos tornar visíveis as mulheres pelos seus depoimentos, histórias e conversas, trazendo à tona o que vivenciaram no período de 1930-1960, em Caxambu do Sul - SC. A relevância histórica - social desta pesquisa reside no fato de vislumbrar sujeitos que receberam papéis coadjuvantes na História do Oeste Catarinense e, então, mostrar fragmentos da História que não foi visualizada por uma dada historiografia.

A mulher, na História do Brasil, pode ser comparada a uma peça artesanal confeccionada com muitos retalhos, tendo surgido recorrentemente sob a luz de estereótipos auto-sacrificada, submissa, sexual e materialmente (DEL PRIORE, 1994, p.11). Assim, a mulher só teria papel benéfico no casamento como cumpridora do papel de mãe.

Nesse contexto histórico, a mulher figura como a principal responsável pela constituição familiar, centrada na instrução de educação cristã dos filhos, cujo mundo não deveria e nem poderia ultrapassar o espaço de dentro de casa, onde havia um marido para amar, respeitar, fazer feliz e uma casa para governar e preservar

dentro dos padrões da moral e dos bons costumes (WITAKER, 1988, p. 18 e19).

É em meio a este ideal de mulher que se vêem proliferar sistemas de valores e padrões de comportamento voltados às mulheres. A vitrina da família burguesa estava centrada na figura feminina. Assim, a “família” era o centro da luta para reforçar os hábitos e a moral, onde esta poderia ser a pequena Igreja, reunindo-se diariamente para rezar juntos e encontrarem conforto no Poder Divino de tudo compreender e perdoar (HALL, 1991, p.56) .

Para desencadear o processo desta pesquisa, utilizamos a perspectiva de história social, história esta que permite a homens e mulheres retornarem como sujeitos e construtores de sua própria história. A partir disto, buscamos compreender a sucessão dos acontecimentos cotidianos, os laços familiares, a divisão de papéis, a religiosidade e a cultura, procurando conhecer e reconhecer as maneiras pelas quais as pessoas se identificam nesta coletividade fazendo sua própria história, como sujeito dela, com seus usos, costumes, sentimentos e paixões, como diz Fenelon, (1984).

Visualizar os espaços ocupados por estas mulheres, é vislumbrar o espaço de “dentro de casa”. Ouvindo as suas histórias através de depoimentos e conversas, trouxemos à tona suas experiências e a cotidianidade vivenciada no período de 1930-1960, em Caxambu do Sul - SC.

Portanto, o presente trabalho privilegia o sujeito “mulher” inserida num processo histórico, carregada de memórias e experiências vividas, momento esse permeado pela busca de novas descobertas, pela invenção de novas tradições, pelo desprezo e desvalorização do que é velho, percebendo a participação feminina, dentro e fora de casa, ao lado ou não do homem, atuando ativamente na construção da História do Oeste Catarinense¹.

Procuramos encontrar as chaves da memória que dão acesso às lembranças vividas, mas esquecidas no emaranhado da vida conturbada. É neste acesso que encontramos um fio de luz que nos conduziu ao caminho da investigação, na busca de significados e

indícios do cotidiano das mulheres em Caxambu do Sul, como mostra Walter Benjamin,

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se agrava nele o que é ouvido (...) Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo (1993, p.205).

Para este processo de investigação, utilizamos a história oral como suporte metodológico, onde entrevistamos dez senhoras que vivenciaram o período de 1930-1960². A história oral permitiu o retorno dos sujeitos à narrativa, possibilitando-lhes falar do seu cotidiano, das suas experiências, das suas memórias. Nascidas no Estado do Rio Grande do Sul, algumas ainda crianças migraram para Santa Catarina com suas famílias, na expectativa de dias melhores.

Vai ser no desenrolar das narrativas que pretendemos descortinar os fatos, mostrando, através da análise do cotidiano, como se deu a educação destas mulheres nascidas para servir. Para além do trabalho masculino, trazer à tona e tornar visível a presença feminina na construção da história local e regional.

Neste artigo trazemos um recorte da pesquisa, abordamos sobre o “namoro, o noivado e o casamento”, buscamos conhecer aspectos da imigração italiana, envolvendo: as relações sociais, a influência dos pais, o preconceito e a resistência na escolha de companheiros que não fossem “de origem”, a confecção do enxoval, a compra de terras, construção da casa e a festa do casamento, de acordo com os costumes e tradições desta coletividade.

Mulher, jovem, moça, menina,
Desde pequenina,
Ainda quando criança,
Outros é que definem teu papel
E aí começa tua educação, sonhos e esperança(...)

Analisando o cotidiano das mulheres em Caxambu do Sul, nas décadas de 1930-1960, com referência ao namoro, noivado, preparação do enxoval, bem como o casamento e sua realização, foi possível desvendar, nas narrativas das depoentes, que este período difere muito da contemporaneidade. O namoro, normalmente, ocorria entre vizinhos, devido à existência de poucos moradores nas comunidades, especialmente as rurais. O ponto de encontro era a capela, após a reza do terço, nas festas, nas cerimônias religiosas, nas capelas, nos filós, nos casamentos, nas jornadas em que a colaboração do grupo vicinal e a solidariedade se faziam necessárias; a aproximação e o convívio oportunizavam o encontro dos olhares e o início do namoro.

Fazia parte da tradição, antes de conceber namoro, o rapaz pedir permissão aos pais e que já deveria deixar claro suas intenções. Nesta oportunidade já se estabeleciam as normas da família. Conforme os relatos, havia muito respeito entre os namorados, ausência de beijos e abraços, não poderia ultrapassar os limites das mãos dadas (muitas vezes até após o noivado) uma vez que a moral pregada pelo Estado e controlada pela Igreja e principalmente pelas famílias, era bastante rigorosa. Neste processo, estava se traçando um tipo ideal de homem, mulher e família que se pretendia ter, sendo todos obedientes, comportados, legalmente casados, honestos e seguidores da estrutura legal vigente.

Tanto as moças quanto os rapazes deveriam, em primeiro lugar, agradecer aos pais. Se eles estivessem contentes e os filhos de acordo, marcava-se o noivado e o casamento se realizaria. Quanto a isso, elas nos falam: “Ah! Sim, toco pedi. Ah, sem pedi, não adiantava, não dexava”(Entrevistada “E”). Ou então “Ah! Claro, tinha que tê a permissão do pai, se ele aceitava, que era um rapaiz bom, se era de gente boa; aquele tempo era assim, né. Tinha que se um rapaiz trabalhador (...) enfim, deu nisso aí, né” (Entrevistada “G”). Ou ainda, como expressou uma terceira narradora “Óia, namoro bem simples, só que era de se cuidá, né, não podia chegá em casa depois que entrasse o sol, não podia saí sozinha, sempro um maninho junto, sempro junto (Depoente “H”).³

Com relação ao namoro, verifica-se o quanto era importante agradar os pais e, como esta questão do respeito e a permissão para sair era rigorosa, como relata esta depoente, ao falar sobre o namoro:

Ai, o inamoro foi meio assim. Mas pra i im baile, ou inamora. Ele, mais do que as nove, dez hora, ele não fazia filó, não. Que Esperança de i em alguma festa, nós tinha que fazê barro im Roda da mãe pra me dexá i. Má, se não, assim, até que não foi tão... Ele tinha bastante respeito e isso que era importante. A véia gostava dele (Depoente "D").

Com referência ao namoro entre italianos e brasileiros, é visível o preconceito e o racismo que havia na coletividade italiana, pelo fato de haver uma ligação muito forte entre a terra e a família, envolvendo, neste caso, o papel desempenhado pela mulher nas atividades da colônia sendo, sem dúvida, um dos pontos de ruptura com o luso-brasileiro⁴. Há ainda outros fatores responsáveis por essa divisão entre os grupos que é a preocupação do colono italiano em garantir o futuro dos filhos, assegurando-lhes terra para o trabalho, bem como para as futuras gerações (netos, bisnetos).

Embora houvesse resistência e muitos limites que impediam o relacionamento entre caboclos (a)s e italianos (a)s, alguns casos de matrimônio aconteciam, ocasionando muito desgosto aos pais e familiares. Após o ocorrido, aparentemente superava-se o desgosto, e a família tentava justificar a situação, mesmo assim, o racismo se fazia presente e a qualidade do outro aparece sempre como exceção e nunca como regra, como podemos observar:

Sim, daí quando acontecia, casava e ficava. Às vez uma brasileira casava com italiano e era quase melhor do que uma italiana. Quando uma brasileira que casava com italiano e era bem trabalhadeira e cuidava da casa e cuidava dos velho, cuidava dos sogro e cuidava bem. Mas era custoso porque não se misturava (Depoente "D").

Referindo-se aos casamentos entre italianos e brasileiros, é importante lembrar que havia uma distância muito grande entre ambos, devido aos costumes, valores, posição social e modos de vida diferentes. Os italianos consideravam sua cultura superior à cultura cabocla.

Na reconstrução da história do namoro, noivado e casamento destes sujeitos, é visível nos relatos que as qualidades observadas e procuradas pelos jovens referiam-se em primeiro lugar em ser “um bom trabalhador e uma boa dona de casa”, enquanto que características físicas e o “amor” figuravam em segundo plano:

Ah, sim ' se não trabalhá, ah, é porque aquela não trabalha, cuide! Porque aquela não é de trabalhá! ' Era tudo assim. Eles diziam 'Oh, se é pra casá 'se via na prosa ' com um que não trabalha pra depois morrê de fome, tem que olhá '. Dizia sempre ' tem que olhá o galinheiro, não só o galo! ' (Risos).Querira dizê que tem que olhá onde que morava a família se era família trabalhava, que tinha, pra depois não se arrependê. 'Si, tá loco! Desde os meus avó me ensinavam isso aí. Eu era meninota.. Ah, é, se cuide, viu, sabe que aqui tu tem .comida, se cuide é, que quando passá fome.' Tudo assim era naquele tempo (Depoente “H”).

Para o colono italiano, casar implicava ter terras, tê-las era tão importante quanto a escolha do cônjuge. As qualidades do trabalhador (a), bem como as posses do (a) pretendente são referências de grande valia e incorporadas desde a infância.

O legado cultural e político da imigração italiana reconstituído através de depoimentos, permite-nos minuciosas narrativas sobre o cotidiano do trabalho e da sua vida familiar. É importante lembrar que a cultura, organização familiar, ética no trabalho, ordem, moralidade, fé cristã e uma legislação severa foram elementos fundamentais e responsáveis na formação do mercado de trabalho, exigido pela produção capitalista que só se consagraria por uma educação voltada ao trabalho, tornando-o um valor e um exemplo a ser seguido.

Pesquisando em um precioso documento de família, “uma carta” datada de 15 de novembro de 1957⁵, constata-se que dançar com alguém significava comprometimento. Coloca ainda que o rapaz somente deveria procurar a moça com boas intenções, caso contrário, não deveria fazê-la de boba. Mostra e confirma que os encontros deveriam ser após a reza do terço ou na casa da moça, somente aos sábados ou, mais precisamente, aos domingos. Percebemos aqui a força da religiosidade, o único motivo das pessoas se reunirem para a reza do terço, culto, batizado, casamentos ou festas.

É possível sentir o romantismo que havia na espera do próximo reencontro, através dos versinhos que eram escritos no final da carta, nos quatro cantos das dobras da carta:

Tu lendo esta cartinha
Já tu podes te lembrar,
Como se chama esta jovem,
Que pretende te amar:

Se tu for firme pra mim
Eu também pra ti ei de ser
Tu me amando com firmeza,
Este será meu prazer:

Tu me amando com firmeza
Firme eu heide te amar
Se for o nosso destino
Um dia hade chegar”⁶

Neste trecho da carta, é visível a saudade, os sonhos da jovem moça na expectativa do sábado e do momento da dança. Por outro lado, percebemos a ausência de beijos e abraços na despedida, até mesmo nas cartas apenas “saudades lembranças e um forte aperto de mão”. Tudo estava de acordo com os padrões sociais estabelecidos na época, como no trecho a seguir: “(...) eu estou achando tão custoso chegar Sábado, que tu nem acreditas, uma que pra mim também representa ser um sonho em saber que vou no baile para dançar com vós. Sem mais Sábado nos prozíamos com mais tempo,

queiras aceitar saudades lembranças e um forte aperto de mão desta jovem que todo bem te desejas (...)”.

Em meio a esta coletividade, havia alguns fatores determinantes que eram seguidos pelos jovens. Casar com uma moça mais velha significava ser mandado por ela, como podemos ver :

(...) Para ridicularizar o fato do homem mandado pela mulher comparava-se ao uso da vaca nas lides da lavoura, considerada mais fraca do que o boi. Eis o provérbio de inestimável valor bucólico:

Dove se ara com le vache, comá dono le fêmene’, onde se lavra com as vacas, mandam as mulheres. É que em terrenos acidentados como da área de colonização italiana do nordeste do estado, lavrar com vacas ou mulas era impossível. Só a força e a pacatez do boi podia fazê-lo.(...) (COSTA, 1979, p. 153).

Nos relatos das depoentes, verificamos que as senhoras, que se casaram na década de 1930, não realizaram muitas festividades, nem tiveram dotes/herança, tudo era muito simples; até o namoro era de curta duração. A maioria narra a pobreza como fato principal das dificuldades. A festa do casamento era apenas compartilhada com alguns familiares e com as testemunhas. Com o passar do tempo, os costumes foram sendo reelaborados e as famílias se estruturavam melhor, aumentava a mão-de-obra familiar, havia uma melhora financeira e também se modificavam as festas.

O noivado fazia parte de um ritual a ser cumprido entre o período de namoro e do casamento, consistindo na troca de alianças entre os jovens. A importância deste ritual residia na oficialização deste momento perante os pais, bem como legitimar este ato de compromisso que passaria a criar laços entre as famílias. O consentimento dos pais era a condição necessária para a concretização deste ato, como relata uma depoente:

Ah, então ele, o noivo falava pros pai da noiva se tava contente se queria noivá, que nós ia noivá dali pocos meses, nós ia casá. Daí o pai dizia “se contente vocês,

contente nós”. Daí esperava mais um tempo, a gente conversava pra casá, daí que se reunia (...) Ah, a gente ia, comprava aliança, combinava, nunca me esqueço: “ganhei um anel, uma aliança, um brinco, relógio” fomo na Cansian(...) Sei que era de noivado, davam tudo o noivo, era brinco, anel, aliança e relógio (Depoente “H”).

É a partir deste momento que algumas revelações referentes a qualidades e defeitos dos jovens são reveladas pelos familiares. Após o noivado, a preocupação do rapaz consistia na construção da casa e na aquisição dos móveis “O rapaiz, ele, sempre, arrumava a terra, pra depois fazê a casa” (Depoente “G”). Para a moça cabia a preparação do enxoval, e aos pais a definição dos convidados, providenciar a limpeza e organização geral da casa para receber os parentes, conversar com a “doceira” (uma mulher conhecida ou parente) para definir os doces a serem feitos.

Ao falarmos sobre o enxoval, é necessário nos reportarmos ao século XIX, para buscar suas origens. Ter uma certa quantidade de roupa correspondia a: “uma necessidade absoluta numa civilização rural, onde as pessoas tomavam banho apenas duas ou três vezes por ano, jogando grandes canecas de água no corpo, dentro de uma bacia (...)” (FUGIER, 1992, p. 241).

Quanto ao enxoval, faz-se necessário questionar por que a moça deveria trabalhar dentro e fora de casa, utilizar seus momentos de lazer, para costurar, bordar, trançar, entre outros, usando recursos provenientes da venda de miudezas para a compra dos tecidos e linhas para, posteriormente, transformá-los em um produto acabado. Não fazia jus a uma herança igual a do rapaz? Sua condição de inferioridade impossibilitava que questionasse: quem lavava, passava, cozinhava e auxiliava nos trabalhos pesados depois que voltava da roça? Quem era responsável pela economia e bom andamento familiar? Parece-nos tão pouca recompensa para tanto trabalho. Como pôde a mulher carregar fardo tão pesado? Como tão delicado sexo pode suportar?

Ao ser indagada sobre com que recursos comprou seu enxoval, constatamos que quase tudo era comprado com o trabalho das moças e com a venda de miudezas, como podemos observar.

Óia, a maioria a gente tinha miudeza, vendia miudeza, a finada mãe, pra, ovo, galinha, minduim, nós plantava sempre amendoim, dexô vê que nós vendia mantega, galinha, essas coisa, quando nós morava lá no Rio Grande, nós pegava o cavalo e ia, vendia, daí, depois, a mãe comprava as coisa pra gente começá e quando que era mesmo o enxoval o pai pegava e ia fazê compra. Sei que uma vez, foi em Bento Gonçalves e truce três sacão tudo de cretone e negócio pra, lençol fitinha pra fazê ropa de baxo e comprava bastante. Sei que o último enxoval foi eu e a mãe, na casa Vitória, foi uma carga de porco, levô no frigorífico, tinha uma chevrolê e comprei minha ropa, ' Foi na Casa Vitória (Depoente “H”).⁷

No imaginário social da juventude feminina, havia sonhos de amor, uma vez que na história que envolve homens e mulheres há um romance. Nesse cotidiano também havia sinais de tempero de amor, de sonhos construídos à luz de lampiões e velas ou à sombra de belas árvores, na companhia de amigas, de um mate-doce e uma bacia de pipoca, tecia-se, bordava-se e até namorava-se. Muitas vezes, em meio às tramas e nós, estavam a saudade, a espera do próximo reencontro; tecia-se sonhando com o príncipe encantado que um dia com seu cavalo a conduziria aos pés do altar, onde iria lhe jurar fidelidade eterna, uma vez que estava destinada ao casamento.

Delimitamos como fio condutor deste trabalho, a construção da participação feminina no meio familiar, onde ela descreve sua trajetória de vida. Ao mesmo tempo nega seus direitos, contentando-se com o enxoval recebido, considerando-o até demais. À medida que relata, enfatiza as “horas roubadas” após a conclusão das tarefas rotineiras, aproveitavam um tempo vago que deveria ser de descanso, mas era usado para a confecção das roupas:

Ah, ele me deu bastante tchó! Depois queimemo a casa, terminemo tudo, má senon, enxoval ele me deu bastante, ih, era grande! Má, sempre feito trabalhando na roça e as horinha robada, assim pra fazê o enxoval. Tudo feito a mon, porque tudo, porque tudo não tinha pra comprá como Que tem agora pronto. Que nada! Tudo feito de crochê, bordado, crivo e tudo, tudo, tudo (Depoente "E").

Havia também outro modo de obter recursos para a aquisição do enxoval, sem comprometer a renda familiar, consistindo no incentivo a plantar um pedaço de terra separadamente, cujos resultados seriam usufruídos pela moça. É visível aqui que, além do trabalho cotidiano, a jovem deveria submeter-se a tarefas extras para garantir seu enxoval, sem transtornos e evitando gastos excessivos aos pais na ocasião do casamento, como nos contou a depoente:

É, eu ajudava bastante o pai na lavoura também, na época ele me mandô plantá pra mim, um pedaço de feijão, daí eu colhi aquele feijão, daí eu vendi e comprei uma peça de algodão pra fazê lençol. Isso eu não me esqueço, depois o remate, no fim o que faltasse o pai ajudô né! (Depoente "J").

Ao penetrar mais profundamente na vida feminina, descobre-se a existência de um saber transmitido de geração em geração, e um trabalho exercido "por mulheres", neste caso, a confecção de peças íntimas, que aos poucos se perdeu devido à industrialização, em que a trama de fios, a construção e o entrelaçar de pontos e nós de um a um, foi substituído, causando lentamente mudanças profundas devido à ruptura de um processo que precisa ser reelaborado como garantia de sobrevivência, vejamos:

Óia, a gente fazia assim, vamo supor, a mãe ia fazendo pra gente quando era nova né, depois pegava e ia a (...) que costurava e conforme a gente achava que não tava bom se cortava mais e ia fazendo tu fazia assim num papel, cortava um jornal e tu via aquela que não gosta

muito cavada, muito, puxa assim, então a gente fazia diferente (...) fazia por molde uma, um tecido meio assim, pra usá todo dia, daí se dava certo fazia por aí (Depoente “E”).

A preocupação de levar tecidos em metros se fazia presente devido à gravidez logo após o casamento, cuja prevenção iria garantir a possibilidade de confeccionar roupas adequadas sem dar gastos ao marido. Através da descrição abaixo, é possível ter uma idéia de como era o enxoval desta época.

Óia, era tudo mais ou menos, começô da mais veia, nós tinha tantos lençol cada uma, não uma mais outra menos, podia sê mais bonito má sempre trocada. Mais ou menos sete, oito jogo de lençol, cinco, seis colcha, toalha de banho aí usava bastante saia, sabe embaxo, aquela saia com elástico assim, então fazia de chitinha, Deus o livre saí de vestido sem saia (...) então todo mundo tinha que fazê, ainda mais as mais velha (...) eu me lembro, levei bem menos, depois eu fiz fralda pras criança, nem usei. Daí foi largando de usá, né. Bastante corte de vestido, levava tudo em corte, né, treis, quatro metro de cada um. Um estampado, um listrado, um florido, tudo assim, sabe. Bastante calcinha levava (Depoente “E”).

O casamento faz parte das grandes datas de uma vida, é a etapa final de um ritual que inicia com o namoro sendo comemorado de acordo com as culturas, costumes e tradições de um povo, em que há padrões sociais que estabelecem normas para a sua realização. É um momento de alegria tanto para as famílias como para a comunidade que se voltava para este evento tão glorificado por celebrar a união de um jovem casal sonhando em construir uma nova vida conjugal. As narrativas mostram a lembrança viva do casamento, bem como os detalhes da festa:

Aquilo foi começado de manhã até a noite. Então de manhã, viemo na igreja, casemo cedo, e depois voltemo

lá no pai. Doce à vontade, torta, cada pouco era uma torta. Não é que nem agora, faz uma torta come um pedacinho cada um. A cada dois metro e pouco tinha uma torta e era pudim e era sagu, era de todo tipo de doce. Daí, depois viemo pra cá. Daí, aqui o almoço, então às quatro hora, café e doce à vontade. A cada pouco era uma torta e foi até de noite e terminô. Não fizemo baile, nada (...) era isso aí. Era de manhã festa na casa da noiva café e doce, depois de meio-dia no noivo e de tarde, então de novo doce e café na casa do noivo e, de noite então, baile e lá então, o que tinha de churrasco, colocava os mesmo e tudo e ia comendo de novo, bolo e churrasco à vontade e depois terminava. Aí continuava a festa mais no outro dia porque sempre vinha parente de fora, então ficava ali. Era aquela festa e mais festa, ia longe (Depoente "E").

Quanto à presença dos pais na cerimônia religiosa do casamento, levantamos um dado que nos causou admiração, uma vez que a importância do enlace matrimonial residia no social, no atender bem aos convidados com a mesa farta e a presença da mãe era considerada desnecessária, sendo responsável pela recepção dos convidados, no "café". A ela cabia a tarefa de arrumar, organizar, atender os parentes para que nada faltasse na festa. Mais uma vez percebemos a contradição "Mulher - Rainha do Lar", porque quem tem este título não põe "a mão na massa", mas aqui, neste caso, é ela quem trabalha, se sacrifica, ausentando-se em ocasiões onde sua presença seria indispensável, como nos mostrou uma das depoentes ao relatar a ausência da mãe no seu casamento:

Nó, ela não foi. Não, até na Igreja não, foi o pai, sim, o meu pai foi (...) Ah, porque ela tinha gente lá em casa, sabe como é que é, pra dexa tudo arrumado. (...) Na Igreja (...) só os outros parente porque ficava em casa pra aprontá (...) à cavalo, de celin, todos à cavalo. Tinha oitenta e poucos cavalero (...) Óia, pra lá em roda não tinha mais e tudo ia a longe, pra tê, pra podê i acompanhá. Aquela vez foi assim, ih (Depoente "E").

Ainda com referência ao casamento, a confissão é colocada como um ato de grande importância para a Religião Católica, onde o Padre indagava sobre a vida amorosa do jovem casal; caso houvesse um relacionamento sexual entre ambos, e a moça estivesse grávida, sofreria algumas sanções da família e da sociedade. A Igreja a condenava, obrigando-a a casar-se com roupa diferente das noivas virgens, por ter cometido pecado, era considerada impura. Esta depoente nos relata a importância da confissão para a pessoa e para a sociedade:

A importância da confissão porque a confissão é aquela que segura a pessoa na direção. Se vô me confessá e depois vô pra casa e faço pecado, que vale minha confissão? É o comportamento da pessoa. Era comportamento de cada si, tento rapaiz como a moça, casado, tudo. E quando ia se confessá era vergonha contá muito pecado pros Padre, né. Então, a gente se cuida. (...) Casá grávida era um desgosto! Era um desgosto pros pai, muito grande, cara! Pros pai era um desgosto grande. Tudo os pai cuidava das filha (...) o desejo era que rezasse e pedi a Deus de i bem, perque sem reza não se consegue nada. Significava que ela não obedeceu a Deus porque esse, de sê grávida, desobedecia a Deus. E não a que casasse de branco, vê que era proibido casá de branco. Branco significava se virgem (Depoente “C”).

Além de ser considerado uma desonra, a gravidez antes do casamento provocava comentários, aborrecimentos, tristeza e vergonha para os familiares. Tal impacto fazia com que a moça se auto-rejeitasse perante a sociedade, isolando-se do meio social, assumindo a culpa sozinha em meio a um espaço machista e preconceituoso. Vale lembrar que não havia orientação e tentava-se explicar miticamente o nascimento dos filhos ilegítimos utilizando-se de historinhas para justificar quando acontecia:

Deus o livre! Óia sabe que lá tinha uma acho que da idade da (...) então aquela moça solterona com aquela

menina e nós ia, porque nós ia seguidinho, era vizinho, não era tão longe, ia sempre passia 'i o pai dessa menina'? Ah, ele morreu, não sei o quê... e ela levava nós. Má de onde? Ela é soltera! Depois começaram que a cunhada dela morava junto e a cunhada dela também ganhô poca diferença um rapaizinho, um guri, então diz ' que um anjo da guarda veio e a cegonha pegô o nenê e ela erro o quarto da, do nenê, da mulher invece de levá pra cunhada, levô pra moça soltera e a moça soltera não quis dexá pra cunhada, então o anjo trouxe outro e deu pra outra' e nós aceitemo, as coitada! (Depoente "C").

A educação sexual era completamente nula por parte dos pais e reprimida toda e qualquer conversa sobre o assunto. Em função disso os jovens, muitas vezes, chegavam ao casamento sem orientação alguma, inclusive acreditando que as crianças eram trazidas pela cegonha e provenientes do "banhado"⁸. Os assuntos referentes à gravidez e ao nascimento eram restritos a conversas entre senhoras por referir-se a assuntos e afazeres femininos, confidenciados entre comadres e vizinhas de confiança. Devido ao desconhecimento do funcionamento biológico do seu próprio corpo e pela ousadia dos jovens, tentava-se esconder ou justificar um casamento apressado ou até um nascimento prematuro através de explicações como a que nos foi narrada por uma depoente:

No meu tempo, tinha aquela prima que era quase da idade dela, era um poco mais velha, e ela casô, aquilo foi um casamento rápido, sabe, má tratô o casamento tudo rápido e daí a poco tempo ela ficô barriguda, né daí ela ganhô aquela criança ' ah, é "setemim, setemim"⁹ daí outro dizia nós tava tudo com pressa e tudo assim (...)
(Depoente "H").

Através das etapas: namoro, noivado e casamento, foi possível conhecer um espaço de experiências, de horizontes, de expectativas e sonhos vividos por uma coletividade, que devido às mudanças são reelaborados e muitas vezes até desconstruídos. Não podemos apenas pensar no futuro, dispensando o que foi vivido

anteriormente. Há que se ter o cuidado de redirecionar o olhar para o passado, revigorando a memória que vem sendo substituída pelo esquecimento, trazendo-a à tona, para discuti-la, fazendo diferentes leituras a seu respeito.

Ao narrar seu cotidiano, especificamente o início da nova vida conjugal, as entrevistadas enfocam a pobreza, o morar com os sogros e a simplicidade da casa com apenas alguns utensílios mais necessários, além de outros problemas. Para os que permaneciam morando com os pais, continuava a dependência econômica, pois quem dirigia os negócios era o pai. O círculo de subordinados aumentava cada vez que um filho casava e ali permanecia. Assim, neste espaço, esposa, filhos, noras e netos obedeciam às normas estabelecidas pelo senhor, dono da casa.

É por meio da narrativa que as experiências cotidianas são transmitidas e, através deste processo, muitas revelações são feitas, como o compromisso de permanecer morando com os pais por um determinado período, trabalhando até repor os gastos com a festa do casamento: “É, fiquei um ano junto com o sogro e a sogra, a madrastra. (risos) Má tinha que ficá com eles né. É que um ano tinha que ajudá, acho pra pagá a festa do casamento” (Depoente “D”).

Em relação à experiência de ter morado com os sogros, os depoimentos são meio constrangedores “Ah... dava certo, né. Às vez tinha alguma coisinha, mas já passava. (risos) Não se podia levá muito a sério porque i morá aonde?” (Depoente “B”). A falta de condições de ter a sua própria casa e a dependência financeira dos pais fazia com que o jovem casal permanecesse em situação de obediência e submissão até receber a herança¹⁰ e conquistar a sua “liberdade”.

A vida cotidiana é a vida por inteiro, nela estão inseridas e imbricadas todas as relações, as ações, saberes e afazeres que permeiam a esfera do vivido (HELLER, 1979, p. 17). Pelo fato da mulher ser educada para o trabalho, à obediência e à submissão, não há grandes mudanças na nova vida. O que ocorre é uma transferência de poder sobre ela, onde os pais fazem esta transmissão

aos sogros (que passam a ser seus novos pais) e ao marido, na ocasião do casamento. O que modifica seu dia-a-dia é a vida conjugal, obediência ao marido, aos sogros e alguns costumes:

Ah, não foi.... Foi boa também porque nós trabalhava tudo de acordo na roça, só que o véio era um pro dinheiro! Eu me tocava costurá até de noite pra podê dá os pilinha pra ele (o marido) passá o Domingo, que non dava dinheiro! Má nem por doença! Quase nom (...) Por isso que saímo. Fizemo casa e fumo na nossa casa porque nós não agüentava, trabalhava e nunca tinha nada, né. Sete ano que fiquemo lá! A terra tinha comprado antes, então, nós tinha nossa terra lá. Trabalhava tudo junto e não tinha nada. Dinheiro? Neca! Era só o véio que guardava! (Depoente "E").

Era de costume, na coletividade italiana, quando o filho casava, permanecer morando junto com os pais. À medida que outros se casavam, os demais saíam e davam lugar aos mais novos casais. Havia casos em que vários casais permaneciam morando junto na mesma casa. Nesse conviver, quem determinava as tarefas rotineiras e mantinha o controle sobre as noras era a "mama", que aparece como a grande vilã da história:

Ah, o nono era muito bom, má a nona, não muito, tá loco! Ela era ruim que tá loco! Má não se fazia conta que nem agora. Agora qualqué coisinha, Deus o livre! Má naquele tempo a gente obedecia eles e pronto! (...) Não dava pra dizê nada sem a licença dela, pelo 'Mor de Dio'¹¹. Tem que pedi tudo, tudo... Agora, não pede nem... Diz uma veíz não... Tinha que pedi o que que era pra fazê, o que se fazia, tudo... (Depoente "F").

Devido à imagem da mulher estar ligada à vocação para o lar, à educação dos filhos, obediência e submissão ao marido, havia vários segmentos sociais que legitimavam sua condição de inferioridade. Podemos referenciar aqui o papel da Igreja Católica, aliada ao Estado Novo, que se utilizava de vários mecanismos como o Grupo das

Filhas de Maria, formado por moças solteiras e o grupo do Apostolado da Oração formado por homens e mulheres casados.

Através destes grupos, vigiava-se a vida das mulheres, disciplinando-as e orientando-as a manter a ordem, o respeito e a obediência ao seu marido. Eram ainda incentivadas a ter filhos, sendo proibido qualquer método de prevenção. Devido a esse processo de vigilância e controle, desencadeava-se a gravidez logo após o casamento, fazendo-as cumprir o seu papel de mãe:

De lá um ano, nem um ano, casei o dia quatro de janero e im otubro ganhei a (...). Não tinha método nenhum. Não, depois eu fui no médico. O médico me deu um livro, era prum livro que eu não podia ficá grávida. I eu anão tinha como. I ele me deu um livro pra eu trazê em casa, né. Depois que eu tava boa, eu devolvi o livro. (...) Ah, era pra sê trabalhadeira, i não podia evitá filho, nada! Deus o livre! Nem a comunhão não dava, se alguma era, tomava comprimido, se era receitado pro médico. Aquele tempo tomei, mas o Padre não podia sabê. Eles não aceitavam, não dava nem a comunhão, não comparava como católico (Depoente “H”).

Mesmo em situações em que havia acesso à escrita, a desinformação era grande. Muitas mulheres somente vieram a conhecer o anticoncepcional a partir do nascimento do quinto filho, tendo em vista que o conhecimento de métodos de prevenção se deu a partir do momento que receberam a visita de alguém que veio de um centro maior, em cidades onde as mulheres já faziam uso da pílula anticoncepcional. Pelo fato de ser uma cidade pequena, do interior, apenas algumas mulheres de comerciantes viajavam com maior frequência. A descoberta desta forma de controle de natalidade chegou então até esta coletividade.

Essa situação remete-nos a Thompson (1998). Ele afirma que, inicialmente, o aprendizado se daria no círculo familiar e depois fora dele, quando a transmissão de experiências sociais ou de sabedoria tornaram-se comuns na coletividade. Assim, a cultura é

um meio de transmissão de saberes, podendo agir como uma poderosa força de controle social e moral. Através dela, recorre-se aos seus costumes mais tradicionais, procurando reforçá-los por meio do sermão; impõe também uma variedade de sanções pela força, o ridículo, a vergonha e a intimidação. Valendo-se do uso da narrativa, uma depoente descreve suas atribuições e compromissos com a Igreja quando era integrante do Grupo de Apostolado da Oração, identificando que tipo de mulheres poderiam aderir a esta associação:

Enfeitá a ingreja, quando tinha festa, era limpá a ingreja, cuidá bem da ropa da ingreja. E de resto, cara, i na missa no Domingo e depois, dia de Sagrado Coração de Jesús, então tinha a distinção da fita porque se fazia sócia do Apostolado. Nós era em cinco zeladora, que era a falecida Antonieta, a falecida Maria Ziliotto, eu , a falecida Dozolina Matiazzo (...) E a Zeladora tinha que cuidá se vinha um falá, pedi alguma coisa, o que sabia ensinava e auxiliá que educasse os filho bem (...) Era tudo mulher bem comportada, que, que, que fosse obediente de um co outro. E se algum que fazia bebedera, né, a gente dava conselho, né pra gente (Depoente "C").

É visível como a Igreja Católica norteava o pensar e o agir feminino da época, submetendo as mulheres ao cumprimento de regras. Faziam de sua família uma pequena Igreja, com reza cotidiana do terço, uma vez que o bom cristão deveria viver a vida espiritual a cada momento de sua vida. As mulheres que ousassem descumprir as normas estabelecidas, sofreriam sanções da sociedade e de Deus.

A educação era tarefa exclusivamente feminina, uma vez que a imagem da mulher estava ligada à vocação para o lar, à obediência e à submissão. Vale lembrar que a Bíblia é um documento histórico, determinando a dominação da mulher, como podemos observar nestas passagens Bíblicas:

Multiplicarei as dores da tua gravidez, na dor darás luz filhos. Teu desejo te levará ao teu marido e ele te dominará. (GÊNESIS,3,16);

As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos, como ao Senhor, porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja e o Salvador do corpo. Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres aos seus maridos (EFÉSIOS 5, 21-24).

A Igreja utilizou um discurso para manter o seu domínio sobre o comportamento de família desejável, e a moral sexual vigente (SCHROEDER,1996, p. 28). É neste território - a casa - , que a mulher manda, delimita e controla seus subordinados, uma vez que a detentora de muitos saberes é ela, cabendo-lhe transmiti-los aos seus em momentos determinados.

De acordo com as depoentes, suas primeiras casas eram muito simples, com tábuas grosseiras, serradas em engenhos domésticos, aplainadas somente na parte interna. Alguns imigrantes que trouxeram economias, construíram casas grandes e espaçosas, porém com poucos móveis. O objetivo da casa ser grande era de garantir um espaço para mais tarde abrigar filho(a)s, genros, noras e netos (a)s. As construções seguiam o estilo da época: cozinha separada da sala e dos quartos, cuja construção era uma varanda à parte.

Não existiam pias para lavar a louça e sim uma espécie de tábua colocada na janela, chamada de lavador ou “sechér”. Os fogões eram construídos com pedras, tijolos ou caixas de madeiras e as panelas eram penduradas em correntes sobre o fogo. Temia-se muito o fogo, por isso as cozinhas não tinham assoalho e o que as ligava aos demais compartimentos da casa era um estreito corredor (MINETTO, 1986).

A descrição das residências, suas divisórias e o mobiliário são colocados com risos, uma vez que estes modelos já são considerados desqualificados. Com as reelaborações culturais e, em função da ajuda dos filhos, com muito trabalho, aos poucos foram melhorando a casa, adquirindo mais móveis e conquistando uma vida melhor.

O imaginário social destas protagonistas recém - casadas vai sendo costurado aqui, ali, com muita luta, sacrifício, uma gravidez a cada ano, ausência de um acompanhamento pré-natal, partos desencadeados em mãos de parteiras chamadas “práticas” que fumavam e nem sempre tinham higiene, moravam longe e, muitas vezes colocavam em risco a vida da parturiente: “Má, as partera, as coitada, fumavam aqueles paiêro, pitavam e lidavam com a gente” (Depoente “B”). É visível neste depoimento as dificuldades enfrentadas na ocasião do parto:

É, ela quase morreu, da (...), né? Nós mandemo buscá o médico. Quando o médico chegô, ai ela já tinha ganhado a menina e a véia deu por terminado tudo e tava tudo por vim ainda. Já tava pra i imbora... não me lembro mais. O médico chegô, eu pra mim ele voltava dali, não é. Ele chegô na frente e eu fui recebê ele. O Dotor Hum, de São Carlo. Daí, ele pediu como que ela tava: - Digo, ela já ganhô nenê. Daí, vamo vê... Ela tava tudo pra traiz ainda... Podia pegá febre e ficá calcada e cada vez que ia ganhá criança acontecê aquilo, né? (...) Má não tinha jeito, fazia treis dia que ela tava doente e não ganhava, e daí se obrigaram a i buscá um em São Carlo. (Marido da Depoente “B”).

Neste depoimento, é possível perceber como ficou gravado na memória deste senhor as dificuldades que sua esposa passou para dar à luz a uma das filhas. A presença do médico fez-se necessária, caso contrário ficaria com seqüelas para o restante da vida. Em relação aos cuidados após o parto, a vida das mulheres era permeada por muitas crenças, carregada por uma sabedoria popular que determinava o que se deveria ou não fazer.

É nas conversas, nas narrativas, que se desvenda como era vivido pelas mulheres o período pós-parto que necessitava de alguns cuidados especiais. Cada uma relata suas experiências pessoais, o vivido, como podemos observar:

Ah, ficava até seis, sete dia na cama! (risos) Banho? Lá de um meis, vinti dia, um meis. Tinha que lavá sim, sabe como que é, eu quero dizê né, de bacia ‘tchac’, senão banho mesmo, nom (...) cabelo? Quarenta dia, sem lavá uma vez! Não sei, os véio, os nono antigo, dizia isso que nom prestava, que tem ‘uma hora’ que não sei, diz que ‘tem uma hora’ que é perigosa de lavá a cabeça, má vai sabê que hora que é? (risos) É, intom, com essa hora.... Comé que agora, não! (Depoente “E”).

Esta resposta está relacionada a práticas e costumes cujos padrões já haviam sido estabelecidos por esta coletividade italiana. Durante este período de convalescença, a mulher deveria permanecer em repouso, alimentar-se com sopa, caldo de galinha e comidas leves para recuperar-se e também como meio de garantir o leite para amamentar o recém - nascido. A fim de amamentar e manter o leite, utilizava-se o chá de funcho ou erva-doce. Havia também outras preocupações que, de acordo com a época, é preciso considerá-las, uma vez que o clima era mais frio, não havia energia elétrica no local e o acesso ao hospital era difícil e precário. Só existiam em São Carlos ou em Chapecó - distantes cerca de 40 Km do município de Caxambú do Sul - fazendo com que a medicina popular fosse a alternativa mais viável, como nos mostra esta depoente:

“Ah, a gente, óia, naquela época , antes dos oito dia, nós não se levantava da cama, né, porque tinha que arrumá bem lá dentro né. I quando a gente levantava, era de meia, de lenço na cabeça, não podia saí lá fora muito, pegava sol. Era bem cuidada, só que lavá a cabeça não lavava, tomá banho, não tomava, porque não tinha luz, também de tê banhero, com água quente que nem agora tem. Então, assim, a gente fomo atrais dos conselho dos mais velho (...) É porque se a gente ficasse doente, não era bem assim... porque a gente morava longe do médico, do hospital ,né, i ninguém tinha carro, ninguém tinha condução pra vim lá, i telefone, não existia . Existia nada, então a gente tinha que se cuidá o mais possível pra não precisá i no médico” (Depoente “D”).

Durante o período pesquisado, era comum as mulheres terem seus filhos com as parteiras, posteriormente, a partir da existência do hospital e de um médico morando na cidade, ocorreram mudanças. Certas práticas foram reelaboradas e com isso ocorreu a ruptura de um saber popular, deixando seu espaço para o saber científico, o qual só o médico domina. Assim, a figura das parteiras foi desaparecendo lentamente, e as mulheres submetidas a situações e espaços anteriormente estranhos (RÉCHIA, 1998). Aos poucos, o hospital perdeu a sua função de assistência e transformação espiritual e passou a ser um local de cura. Neste local o médico formava e acumulava saberes. Segundo BRENES (1991), um dos objetivos a ser alcançado pelos médicos foi conseguir trazer a clínica, ao hospital, ao consultório ou, também pode-se dizer o corpo feminino. Ao tratarmos especificamente sobre dar a luz aos filhos sob o acompanhamento de parteira ou do médico, esta depoente nos coloca como se sente em relação ao atendimento médico:

Ah, o médico são, mais assim... dão a injeção e querem logo, inveiz a partera tem a paciência de esperá a hora ,né (...) Sim, em casa, vai no médico e eles te dão a injeção e tudo rápido, sabe como que é. Acho que em casa é mais à vontade (...) As vez, se precisava, ela tinha injeção, se precisava, senão, não, não. A Dona Maria Furlanetto, ela era Diplomada (Depoente "H").

Assim, como outros costumes, na alimentação também havia alguns cuidados considerados necessários e observados pelas mulheres durante a dieta:

A alimentação, também se cuidava, óia, carne de porco, feijão ,ovo, repouio, essas coisa nunca. Só tinha. Depois, sim a gente comia. Vinho, podia tomá, indoçá e tomá bastante, que aquele tinha bastante daquele, vinho bom, puro. E, é brôdo de galinha, sim, matava umas trinta por (risos) de quarenta dia. Trinta galinha ia (risos). Ah, Meu Deus, quanta sopa! (Depoente "E").

Conservar alimentos num período em que não havia energia elétrica e apenas algumas famílias possuíam geladeira movida a gás ou querosene, não era tarefa fácil. Porém, esta coletividade encontrou outras formas de conservar a carne, evitando de matar uma galinha por dia:

Pois é lá que era o pior. Tinha que matá bastante galinha porque durava dois dia, um dia e meio, dois dia. Nós tinha o poço bem fundo, né, bem fresco, que não sei se tinha vinti e pocos metro. Entom, tu atava um pedaço de galinha dentro da sacolinha e lá embaxo ponhava, então se conservava lá, é sim (...) Não tinha geladera, não tinha nada! Depois eu me fiz uma caxinha com uma telinha bem fininha e eu ponhava lá naquele poço (...) então as mosca não ia nada. Ponhava quejo e tanta coisa lá dentro guardado (...) Deus o livre, era sofrido uma vez, agora tem freezer tem geladera! (Depoente “H”).

Em meio a esta coletividade, havia laços de solidariedade, de costumes e tradições que envolviam e reuniam a esfera feminina. Além dos costumes já referidos, havia uma superstição que não permitia a visita de uma mulher menstruada na casa de uma mulher de dieta. Caso decidisse fazer a visita, deveria obrigatoriamente contar para a visitada ou correr o risco de retornar e ter que tomar sopa no mesmo prato. Para evitar aborrecimentos entre comadres em meio a um saber que permeava nesta coletividade, dificilmente ocorria visitas neste período de acordo com este depoimento: “ Sabe, não podia i visitá uma mulher de dieta, se tu tava mestruada, ou só se tu ia e contava pra ela. Porque dizia que senão levava o leite imhora, e depois tinha que voltá lá na casa e tomá sopa junto com a mulher , que daí voltava o leite” (Depoente “H”). Entendemos aqui que as experiências cotidianas são compartilhadas e transmitidas dentro e fora de casa, no trabalho e nas relações sociais de uma coletividade.

Os cuidados com o recém-nascido eram tão importantes quanto os cuidados com a mãe, obedecendo as mesmas crenças,

valores e costumes da coletividade, sendo transmitidos de geração em geração através da convivência cotidiana e da troca de experiências entre o grupo. Entre várias maneiras de cuidar do bebê, é interessante saber o que esta depoente nos coloca:

A gente dava banho, né, enfaxava o umbigo. Hoje nem querem né que enfaxe... Os meu eu enfaxava tudo com uma faxa grande, enfaxava. No outro dia, os coitadinho, amanhecia, tava... assim. (gestos) Aí você tirava aquela faxa, parecia que reviviam de novo. Má não tinha costela caída e esse negócio que tem hoje. Eles ficava durinho. A gente podia pegá de qualqué jeito que não machucava, né (...). Porque caía a costela, né, pegavam mal a criança molinha. Aí benzia de umbigo, costela caída e peito aberto acho que é...(Depoente "E").

Havia muita preocupação em batizar^{XII} O Batismo em casa refere-se a um ritual religioso realizado na própria casa, em ocasiões que o Padre demorava para visitar a capela. Era um costume seguido principalmente pelos caboclos, que, antes da chegada dos colonizadores, possuíam uma série de práticas religiosas, o chamado Catolicismo Popular. Muitas dessas práticas permaneceram apesar da contrariedade da Igreja Oficial.

(...)se a criança morria antes de batizá? Era um pagão. Ela não ia pro céu, ia no libo dos Santos Padre. (...) E pagão, então, lá por exemplo ' não era vista por Deus' (...) Então ,então, tem muitos que batizava em casa, má os Padre , não ... só mesmo da última hora, que as vez ficava mal (...) O Padre lá de Vila Maria, se soubesse que uma criança tava doente, ele ia na casa batizá, onde que ele soubesse (...) Não queria que morresse antes (Depoente "E").

Diante de tantas transformações que modificaram as relações familiares, podemos dizer que, em alguns casos, os conhecimentos adquiridos permanecem como princípios de orientação.

Através de conversas informais, foi possível descobrir que em famílias mais tradicionais, determinados costumes ainda não

sofreram reelaborações, ainda se preservam hábitos como não lavar a cabeça durante a dieta, não comer certos tipos de alimentos e até se mantém o costume de pedir permissão aos pais da moça para iniciar o namoro. Com certeza, estas permanências nos mostram que é possível preservar alguns costumes mesmo que alguém diga que já são considerados desqualificados para determinada época.

Ao concluir este artigo, entendemos que parte de sua relevância histórico-social deve-se à oportunidade de discutir com as gerações mais jovens, uma determinada época, até então pouco conhecida, possibilitando trazer à tona costumes e tradições do namoro, noivado e casamento, vividos por nossos pais e avós. Significa, também, a possibilidade de conhecermos partes da história de nossos familiares, que com as reelaborações culturais foram modificadas e até desconstruídas, mesmo antes de serem conhecidas.

Entendemos a história como algo reconstruído. Nesta reconstrução, homens e mulheres estão retornando como sujeitos. É uma história vista de baixo, em que as minorias estão sendo contempladas com seu jeito simples de viver, mostrando assim sua participação neste contexto político, econômico, social, cultural e religioso.

Nos desdobramentos diários, vivenciaram a solidariedade e o companheirismo em diferentes momentos desta caminhada, em que o início da nova vida apontava para grandes desafios, a fim de atingir os objetivos desejados. Nesse processo, em meio a dúvidas e incertezas, o período de adaptação exigiu muitas renúncias.

Segundo Wolff (1991), pesquisar a história das mulheres é como montar um grande quebra-cabeças de pequenas peças, porém há muitas peças ocultas, guardadas no fundo do baú. Para chegarmos até elas, será preciso encontrar as chaves que nos levam a investigar as reminiscências remotas destes seres humanos. Entendemos, ainda, que é uma história de muitas lutas, com ausência de glórias; é uma batalha sem medalhas, com vozes silenciadas pela obediência e submissão, controladas pela religiosidade e pelo poder masculino.

Ao longo deste processo de diálogo entre a história oral e a documentação escrita, foi possível perceber a importância de trazer à tona a experiência destas mulheres, e esta será cada vez maior sempre que houver divulgação, discussão e reflexão do conhecimento histórico. Uma vez que, para contestar determinados valores, precisamos historicizá-los, fazer com que sujeitos não contemplados tenham visibilidade, mostrem sua luta e participação na história.

A sociedade traçou o perfil ideal de mulher que pretendia ter e vários segmentos sociais se encarregaram de moldá-la, normatizando comportamentos, estabelecendo regras e normas a cumprir, valores e princípios morais e religiosos a serem seguidos.

Foi na construção do nosso quebra-cabeças que foram emergindo figuras femininas, atuantes, participativas e visíveis socialmente.

Notas

¹ Pesquisa financiada pelo FAPE – Fundo de Apoio à Pesquisa da UNOESC-Campus Chapecó.

² Especialista em Teoria e Metodologia da Educação – 1ª a 4ª série e Educação Infantil pela Universidade Comunitária de Chapecó (UNOCHAPECÓ), graduada em História pela UNOESC – Campus Chapecó, professora de séries iniciais e de História – 5ª a 8ª na Rede Pública Municipal e Estadual de Caxambu do Sul – SC.

³ Especialista em História: Cidade, Cultura e Poder, pela Universidade Comunitária de Chapecó (UNOCHAPECÓ), graduada em História pela UNOESC – Campus Chapecó, professora de História – 5ª a 8ª na Rede Pública Municipal e Estadual de Chapecó – SC.

⁴ Doutor em Educação pela UNICAMP, mestre em História pela PUC – SP, professor da UNOCHAPECÓ e Coordenador do CEOM, orientador da pesquisa.

¹ O Oeste Catarinense é uma região do Estado de Santa Catarina, constituída principalmente através da formação política, econômica e cultural de onde a grande maioria das pessoas são descendentes de migrantes alemães e italianos, o que dá uma relativa unidade.

² Foram realizadas 10 entrevistas com mulheres acima de 60 anos, residentes em Caxambu do Sul, no período de outubro de 1998 a janeiro de 1999 que serão citadas pelas letras A,B,C,D,E,F,G,H,I, tendo assim suas identidades preservadas.

³ Os leitores poderão verificar que muitas das narradoras utilizam uma linguagem permeada de expressões regionais ou de dialetos italianos falados nas comunidades e famílias onde viveram as narradoras.

⁴ O luso-brasileiro refere-se ao caboclo que, segundo Jaci POLI, era também chamado de “negro” pelos colonizadores. Conceituá-lo não é tarefa fácil, mas provavelmente, é resultante da miscigenação do branco com o índio.

⁵ Este é um documento secundário, doado ao Departamento de Educação, Cultura e Esportes de Caxambu do Sul - SC, por um membro familiar, com o objetivo de preservar registros dos antepassados, retratando o namoro naquela época.

⁶ Versos extraídos de uma carta datada de 15.11.1958, da Sra. O. T. In Memoriam. O documento é familiar e nos possibilitou uma leitura do namoro por carta durante o período de 1930-60.

⁷ Entrevistada “H”. A importância do enxoval era tanta que as famílias mais abastadas procuravam ir para outra cidade fazer as compras, como a depoente fala que foi a Bento Gonçalves- RS e na Casa Vitória em Chapecó, cidade maior que Caxambú, considerada Pólo Regional.

⁸ Banhado refere-se a um terreno baixo alagadiço, que pode, periodicamente, ficar seco.

⁹ Setemim significa o nascimento de um filho no 7º mês de gestação, podendo também ser usada esta explicação para justificar uma gravidez antes do casamento.

¹⁰ Herança aqui é entendida a partir do momento em que os filhos estão colocados em moradias próprias.

¹¹ A expressão “Mor de Dio” significa Amor de Deus.

Referências

BENJAMIN, Walter. O Narrador - Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

COSTA, Rolívio. **Aspectos Antropológicos da Vida Italiana – O Indivíduo na sociedade agrária**. Porto Alegre: 1979.

DEL PRIORE, Mary. **A Mulher na História do Brasil**. 4 ed. São Paulo; Contexto, 1994.

FENELON, Déa Ribeiro. **Trabalho, Cultura e História Social: Perspectivas de Investigação**. Departamento de história da UNICAMP e da PUC – SP. AMPUH de São Paulo. Set\1984.

FUGIER, Anne Martin. Os ritos da vida privada burguesa In: **História da Vida Privada: Revolução Francesa à Primeira Guerra**. Cia das Letras, v.4.

HALL, Catharina. Sweet Home. In: PERROT, Michelle (org.). **História da Vida Privada**. V.4. Trad. Denise Bottmam, São Paulo: Cia das Letras, 1991.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

MINETTO, Maria Mercedes. **Caxambu do Sul – Um Passado Lindo**. Minuano. 1986.

RÉCHIA, Karen Christina. **A Medicalização do Parto: A Ampliação de um Domínio Médico-Científico e a Desqualificação de Saberes Femininos**. Texto Apresentado no VII Encontro Estadual de História da ANPUH em Florianópolis - Set. 1998.

SCHROEDER, Rosa Maria. As Relações de Gênero e a História Produzida pela Revista do Instituto Geográfico de Santa Catarina.

Esboços

Florianópolis, v.4, n.4, Jun/Dez. 1996. THOMPSON, E.P. Costume e Cultura. In: **Costumes em Comum- Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

WHITAKER, Dulce. **Mulher e Homem: O Mito da Desigualdade**. 8 ed. São Paulo: Moderna, 1988.

WOLFF, Cristina Scheibe. **As mulheres da Colônia de Blumenau Cotidiano e Trabalho.(1850–1900)**. São Paulo: USP. (Dissertação de Mestrado), 1991.

Abstract

This article is part of a research that analyzes the subject woman, in a historical process, full of memories and experiences lived. The work goes through the search of new discoveries and the invention of new tradition, it also shows how relationships, engagement and marriage in the collective, of Italian descent city of Caxambu do Sul were from the 1930's to the 1960's.

Keywords: woman; experience; day by day.